

— **Cidadezinha do interior de Goiás que surgiu no final do século XVIII e que aos poucos vai perdendo sua tradição com a invasão dos novos costumes e das novas gentes trazidas com a construção da Capital.**

Prostíbulo: para as mulheres a solução

— Se eu soubesse ler, não estava aqui, não. Mas dentro de dois anos devo voltar para casa. Tou só juntando dinheiro, porque tenho uma filha doente, já fez oito operações, e só aqui eu consegui tirar algum dinheiro pra mandar pra casa. Marido? Eu tinha, mas me separei quando fiquei sabendo que ele "andava" com a própria irmã dele. Esse foi o segundo. Da primeira vez que eu casei tinha doze anos.

Quem fala é a baiana, uma das mulheres da zona do baixo meretrício de Planaltina, e uma das poucas que consegue contar sua história. A grande maioria se esconde, xinga o repórter e promete pancada ao fotógrafo. "Se a foto sair no jornal". Fugiram de casa, a família não sabe que elas estão lá, elas afirmam que o que fazem não interessa a ninguém e saem correndo diante do carro da reportagem. "Deixa prá lá, menina. Ninguém matou nem roubou" — diz a baiana.

O prostíbulo de Planaltina, no entanto, não parece o local mais adequado para quem deseja se manter oculto. "As casas" — como se diz popularmente — ficam na Avenida Marechal Deodoro, uma das vias centrais da cidade, mas apesar dos protestos da "casta vizinhança" vêm resistindo ao tempo. "graças sobretudo ao comércio", segundo se comenta, "que fica mais movimentado e não quer que a zona acabe".

Como em toda cidade centenária, é difícil saber em Planaltina como se originou o prostíbulo. A balconista de uma das "casas" lembra, no entanto, que o movimento se tornou mais intenso quando, em Goiânia, as prostitutas foram expulsas da Rua Pedro 16, Setor dos Funcionários e Avenida Bahia. "Todo mundo veio parar aqui" — observa. E a prostituição por lá diminuiu? — pergunta-se, ao que ela responde, sem muita demora: "No seio da alta sociedade ainda tem bastante".

Tentando contar a história conturbada "das casas", um rapaz lembra que, em certa época, um delegado de polícia chegou a impedir o acesso ao local com uma grossa corrente, que não resistiu aos protestos e foi retirada. Agora, a polícia faz rondas com frequência entre as casas e não costuma incomodar muito, segundo as próprias mulheres. "Eles passam por aqui umas seis vezes por dia, mas só fazem alguma coisa quando tem briga, o que também é muito raro" — afirmam todas as mulheres.

ORGANIZADA

Contrariando a conhecida expressão utilizada quando se deseja dizer

que algo "é uma bagunça", a zona de Planaltina mostra-se até bastante organizada. As mulheres pagam um aluguel fixo e o dinheiro que conseguem fica para elas. Há cerca de 20 casas registradas e estima-se que o número de mulheres já esteja em torno de 300 ou mais. Além da polícia não ter que agir com frequência, o senso de disciplina mostra-se até bastante rigoroso para o local. Sendo assim, no interior das casas, há saletas com mesas e cadeiras, onde são servidas bebidas e onde o bate-papo corre solto, mas na parede lê-se o aviso: "Proibido Dançar". Isto depois do alerta quanto à proibição, no local, de permanência de "menores de 18 anos". "Dançar não pode de jeito nenhum. Nossa Senhora! Se a polícia pegar alguém dançando..." comenta a balconista.

Há muita coisa que se mantém em segredo, e a esta regra não fogem os preços. Os defensores da zona, no entanto, chamam a atenção para os altos preços pagos por tudo, afirmando que o aluguel de uma casa inteira sai por Cr\$8 mil e que cada mulher paga por seu quarto cerca de Cr\$800 mensais. A especulação torna-se, assim, outra arma de defesa, fortalecida por quem executa pequenos serviços para as mulheres. Uma lavadeira conhecida como "Dona Tita" é uma das incansáveis defensoras do local. Mora na Vila Buritis e se desloca todas as semanas para a Avenida Marechal Deodoro, a fim de executar um serviço de que depende o seu sustento, segundo afirma. "Quem trabalha para as chamadas boas famílias ganha uma miséria" — observa, baseando-se em sua própria experiência e na de outras amigas. "Da lavadeira ao médico, todo mundo depende da zona" — conclui.

DOCUMENTOS

"A zona mais organizada de Brasília" não fica só nisto, no entanto. Apesar de ser difícil de evitar algumas transgressões, como o combatido aluguel das chaves de quartos a alguém que esteja a fim de permanecer em companhia de mulheres que não são do local, a regra é a "obediência às leis", que culmina com o cuidado em manter a documentação em dia. Com isto, as proprietárias "das casas" chegam a contratar contadores, que mantêm as finanças controladas e providenciam a legalização ou a atualização de tudo o que estiver atrasado.



A tradição da cidade, que abriga duas camadas distintas, se perdendo com toda a falta de infra-estrutura para abrigar os forasteiros que a habitaram.